



## MUSEU DA PAISAGEM – JANELAS PIONEIRAS: Antiga Colônia Itacolomi em Promissão SP <sup>1</sup>

**FERRARI, DANIEL C. (1); YAMAKI, HUMBERTO T. (2)**

1. Universidade Estadual de Londrina. Laboratório de Paisagem UEL  
Campus Universitário, Londrina, PR  
dcanferrari@gmail.com
2. Universidade Estadual de Londrina. Laboratório de Paisagem UEL  
Campus Universitário, Londrina, PR  
yamaki@ymail.com

### RESUMO

Este trabalho visa contribuir para a preservação de paisagens simbólicas e representativas da memória da ocupação imigrante japonesa na região Noroeste do Estado de São Paulo. A pesquisa trata sobre os patrimônios da antiga Colônia Itacolomi formada por pioneiros japoneses em 1918. Itacolomi era composta de várias outras seções (*shokuminchi*), todas localizadas nos arredores da estação “Hector Legru” – atualmente Promissão SP – da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. O objetivo do trabalho é transformar a residência do pioneiro Yasunaga localizada na antiga Colônia Itacolomi num Museu da Paisagem. Contrapondo aos tradicionais museus de imigrantes, o projeto foca a paisagem vista a partir do interior da moradia como elemento principal. De cada janela será possível identificar etapas do desenvolvimento da antiga colônia, bem como do cotidiano dos pioneiros. Assim, uma casa comum dos anos 40 localizada no meio de uma antiga colônia de imigrantes japoneses permite reconhecer os componentes da paisagem e seus significados. Possibilita um caminho à preservação da memória imigrante e reflexões sobre o significado da paisagem.

**Palavras-chave:** Preservação; arquitetura vernacular; paisagem; Promissão SP.

<sup>1</sup>. Este artigo foi baseado no Trabalho Final de Graduação Interdisciplinar elaborado por Daniel Ferrari com orientação do professor Dr. Humberto Yamaki, apresentado em março de 2017 no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina.

## **Introdução**

No início do século XX a região Noroeste do Estado de São Paulo entra numa era de grande expansão na exploração de mata virgens devido à construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNOB). Assim Promissão se torna, em meados da década de 1910, o local de destino de diversas famílias japonesas que promoviam a “marcha para oeste”, buscando novas regiões, principalmente o interior paulista e o norte do Paraná.

A pesquisa trata sobre os patrimônios da antiga Colônia Itacolomi formada por pioneiros japoneses em 1918. Itacolomi era composta de várias outras seções (*shokuminchi*), todas localizadas nos arredores da estação “Hector Legru” – atualmente Promissão (SP) – da linha EFNOB.

O desaparecimento da Colônia Itacolomi, fundada em 1918 por Shuhei Uestuka em Promissão, é importante campo de estudo para a identificação das transformações e permanências na paisagem moldada por comunidades de imigrantes japoneses. As qualidades cênicas e os significados da paisagem e de seus patrimônios relacionados fazem com que o trabalho vise a sistematização da leitura e o reconhecimento das qualidades locais.

O trabalho apresentado é estruturado basicamente em quatro capítulos que compreendem: (I) Definições necessárias, sobre paisagem etnográfica, e descrição da metodologia utilizada; (II) Caracterização da cidade de Promissão, antiga colônia Itacolomi, e Seção Bom Sucesso onde se encontra o objeto de estudo; (III) Contextualização da propriedade rural e descrição da casa; (IV) Proposta de preservação da casa pioneira, utilizando toda a sua estrutura e entorno já existentes, e transformando seu uso para a atividade de um possível “Museu da Paisagem”.

## **Capítulo I: Definições necessárias e metodologia utilizada.**

### **1. Paisagem etnográfica.**

Muitas vezes pode ocorrer um processo de depreciação daquilo que as pessoas estão familiarizadas a ver durante toda a vida. O conjunto de elementos que, eventualmente, no cotidiano perpassa em sua frente, não pode deixar de estar repleto de vulgaridade, por mais belo que possa parecer a um estrangeiro. Para um observador qualquer, trechos de paisagem etnográfica sem nada destacável, podem parecer insignificantes, porém, têm inscritas cargas de vivência e de simbolismo tão fortes para o morador local que este lhe

atribui valores não assinaláveis por outras pessoas. (ALMEIDA, 2003). As práticas e crenças dos habitantes permeiam a paisagem com significado são frequentemente imperceptíveis, como é o caso dos vazios simbólicos. É necessário ressaltar que a paisagem etnográfica, apesar da possibilidade de observar elementos de igual natureza como casas, árvores, estradas, pode não ser familiar nem reconhecível imediatamente, pelo simples fato do desconhecimento de seus significados. Assim como um olhar desatento deixa passar o fato de que a paisagem etnográfica adquire significados a partir de associações, eles precisam estar adaptados uns aos outros de acordo com um corpo coerente de ideias. (MEINIG, 2002).

Segundo o manual LCA (SWANWICK, *Landscape Character Assesment*, 2002) paisagem refere-se à relação entre pessoas e o lugar. Ela fornece o cenário para o dia-a-dia. O termo não significa apenas lugares especiais, designados, e não se aplicam somente para o campo. Paisagem pode significar pequenas parcelas de uma cidade, uma cadeia de montanhas, ou uma sucessão de planícies e várzeas. Pode dizer que se encontra entre algumas dezenas de metros a vários quilômetros, variando conforme o ponto e o momento de observação. Ela é o resultado da maneira que diferentes componentes do meio ambiente – tanto naturais (influências do solo, clima flora e fauna) quanto culturais (impacto histórico, atual uso da terra, colonização) – interagem entre si e são percebidos.

Lewis (1979, apud MEINIG et al, 1979) defende um princípio básico: que toda paisagem tem um significado cultural, não importa quão comum esta paisagem pode ser. Ainda segundo o autor a paisagem pode ser considerada uma autobiografia inconsciente, que reflete os nossos gostos, valores, aspirações, qualidades cotidianas comuns e até mesmo nossos medos. Portanto, para Evans, Roberts e Nelson (2001) os ambientes naturais e mudanças nos mesmos assumem um significado diferente, dependendo dos símbolos sociais e culturais que lhe estão associados. Grupos sociais constroem paisagens culturais como reflexos de si mesmos. Neste processo, os ambientes sociais, culturais e naturais são delimitados e tornam-se parte dos símbolos e crenças compartilhados pelos membros do grupo. Todos estes termos englobam “paisagem etnográfica” – que pode ser definido como uma área de espaço geográfico, que recebeu significados culturais, sociais e especiais por pessoas que lhe estão associadas (EVANS, ROBERTS e NELSON, 2001).

## **2. Metodologia Utilizada**

Entre as diferentes metodologias utilizadas para realizar uma “leitura da paisagem” existem vínculos entre os fatores que definem a caracterização desta, podendo-se dividir em fatores mais humanos tais como a experiência da paisagem, aspectos perceptivos e estéticos, e o

ponto de vista da comunidade e dos sujeitos. De acordo com Yamaki et al. (2012) é possível apreender os elementos que definem caráter ou personalidade dos aspectos visíveis e não visíveis da paisagem. O inventário e a avaliação da paisagem cultural são possíveis através da sobreposição de técnicas de análise visual e espacial. Uma metodologia de identificação e avaliação da paisagem etnográfica pode se basear na metodologia aplicável à paisagem cultural. Contudo, os componentes da paisagem etnográfica são carregados de significados próprios de cada cultura. Assim, existe uma grande possibilidade desses espaços simbólicos terem seus significados modificados, destruídos, descaracterizados, e finalmente esquecidos quando a comunidade local, de suporte, se fragiliza ou se esvai por diversos fatores (YAMAKI, et al., 2012).

A metodologia que foi utilizada no decorrer deste trabalho pode ser considerada como um desdobramento do Método de Identificação e Avaliação de Paisagem Cênica Etnográfica, desenvolvido por Yamaki (2016):

Entende-se como paisagem cênica, aquela com qualidades visuais que a torna atrativa. A paisagem etnográfica, por sua vez, é a paisagem de significados moldada por comunidades específicas segundo valores e ideais. Ao relacionar a qualidade cênica aos significados da paisagem, o trabalho visa sistematizar a leitura e reconhecimento de qualidades. (YAMAKI, 2016, p.01).

A aplicação deste método permite identificar as vistas de maior valor, assim como aquelas em maior risco. “Possibilita antecipar ações e estratégias de preservação e fortalecimento da paisagem e de entorno de bens de importância histórica ” (YAMAKI, 2016, p.1). Além disso, como fonte de informação, recorre-se à narrativa dos moradores (no caso: Família Yasunaga) que, a partir das entrevistas, falam sobre a história da formação do grupo social, da ocupação do espaço pelas gerações passadas e sobre as transformações que ocorreram na paisagem. Segundo Alencar (2007), precisar a localização dos eventos passados é uma tarefa simbólica de alta complexidade, posto que a paisagem do presente muitas vezes já não corresponde à paisagem do passado.

Ainda segundo a autora, as narrativas tornam-se as principais fontes de informação para se conhecer o modo como os moradores percebem e se situam no ambiente, e também funcionam como estratégias que lidam com as contínuas transformações da paisagem e situam o ouvinte numa paisagem que não mais existe, sendo atualmente uma paisagem da memória (ALENCAR, 2007). A capacidade de relembrar elementos que, um dia, compuseram a paisagem da antiga Colônia Itacolomi, Seção Bom Sucesso, e até hoje, visíveis ou não, estão intrinsecamente ligados ao lugar e permeiam a memória dos moradores, é um dos objetivos das entrevistas com os pioneiros locais.

## **Capítulo II: Promissão, Itacolomi e Seção Bom Sucesso.**

### **1. Promissão, a Canaã da Noroeste.**

Promissão é uma das cidades que surgiram por força do desbravamento do sertão, com o avanço da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNOB), quando, em 1908, após atravessar as regiões centrais do Estado de São Paulo, atinge a média-noroeste. Inicialmente habitada pelos índios da tribo kaigangs, seu primeiro nome foi “Hector Legru”, devido à estação.

O exemplo mais gritante da falta de critério é a escolha do nome “Hector Legru”, na realidade “Legrou”, para a estação do quilômetro 178. Legrou, grande banqueiro belga, foi um dos financiadores da EFNOB e jamais pisara solo brasileiro, muito menos a região, mas ainda assim recebe uma estação com seu nome (GHIRARDELLO, 2002, p.87).

Assim, Promissão acrescenta mais um na conta do colar de cidades nascidas ao longo dos trilhos da estrada ferroviária que percorre os espigões do rio Tietê e Feio. Nasce no ciclo do café, definidor de uma paisagem rural na fazenda, com a casa-sede, os empregados, a colônia dos imigrantes, principalmente italianos, espanhóis e japoneses que começaram a chegar para fazer a vida. As lavouras de café cobriam as amplas colinas do Planalto Ocidental Paulista, entremeadas de pastagens destinadas à criação de gado (REYES, 2008).

### **2. A Colônia Itacolomi.**

A Colônia Itacolomi (também conhecida como Núcleo Uetsuka nº1) foi um tipo de núcleo de colonização japonesa formado pelos próprios imigrantes em torno da figura de um líder. Este, tendo sofrido e passado pelas experiências dos primeiros imigrantes, fundou um núcleo para realizar seus ideais (sendo que a maior parte dos colonos já havia passado pelas fazendas de café). Como exemplo têm-se os núcleos Hirano (Cafelândia, linha Noroeste) e Itacolomi (Promissão, linha Noroeste). O seu líder desbravador foi Shuhei Uestuka, calorosamente chamado de “o pai da imigração japonesa”.

Shuhei Uestuka veio como representante da empresa japonesa Companhia Imperial de Imigração no Brasil, junto com os pioneiros do *Kasato Maru* em 1908, desembarcando no porto de Santos. Porém, após várias dificuldades (retornou ao Japão posteriormente voltou ao Brasil) e com muito sacrifício adquiriu, em 1918, 1400 alqueires de mata virgem perto da estação Hector Legru, mais tarde renomeada de Promissão, na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNOB). Shuhei revendeu as terras, dividindo-as em 10 alqueires cada, e fundou a Colônia Itacolomi.

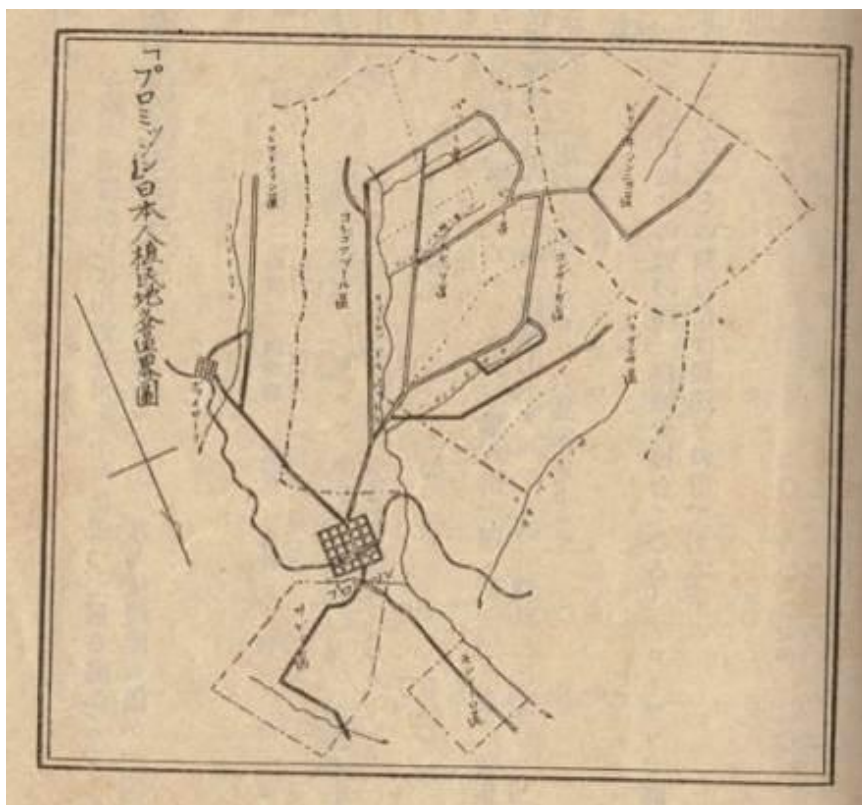


Figura 1: Mapa Colônia Japonesa Promissão – *Nenkan* Anuário da Noroeste, 1928.  
Fonte: Acervo pessoal K. Yasunaga, tradução por Yamaki 2016.

### 3. Seção Bom Sucesso.

A Seção Bom Sucesso, juntamente com outras seções, é parte integrante da Colônia Itacolomi. Foi nesta Seção que Shuhei Uetsuka dedicou seus 60 anos de trabalho ininterrupto pela causa de sua comunidade. Ali iniciou a construção de escolas, a abertura de estradas, a contratação de médicos e fundou associações, as quais tinham o dever de zelar pela segurança dos moradores e prestar auxílio aos menos favorecidos.

Existem alguns lugares importantes e simbólicos que devem ser mencionados para uma melhor explicação sobre a Seção Bom Sucesso. Primeiramente a praça Shuhei Uestuka – construída no final da década de 1960, início de 1970, onde atualmente existe diversos monumentos que simbolizam a colonização japonesa em Promissão – foi eleita pelos moradores locais como o local mais simbólico da seção. O principal marco da praça é o monumento comemorativo dos dez anos da colonização japonesa em Promissão, fundada em agosto de 1918. Ao lado da praça Shuhei Uestuka há o campo esportivo, considerado muito importante pois foi localidade de inúmeros acontecimentos da Colônia Itacolomi. Datas festivas, competições esportivas, grupos de espetáculos, comemorações e gincanas (*undokai*) e confraternizações; ali era o local de reunião de toda a comunidade.

A primeira escola a ser construída foi no ano de 1919 na Seção Bom Sucesso. Inicialmente uma construção provisória, de barro e madeira, e posteriormente uma de alvenaria. A escola era o “centro” da comunidade e a primeira preocupação, sempre construída rapidamente para a alfabetização dos filhos dos colonizadores. Havia forte preocupação com o ensino da língua japonesa e com a continuidade das tradições. Atualmente apenas a localização da Escola Bom Sucesso permeia a memória dos moradores locais.

### Capítulo III: Estudo de caso – Casa pioneira família Yasunaga.

Evans, Roberts e Nelson (2001) afirmam que os fatores sociais (como classe social da comunidade, etnia e gênero) podem resultar na atribuição de significados diversos a uma paisagem e seus lugares componentes porque estão tradicionalmente ligados às suas próprias histórias e geografias locais, regionais, identidades culturais, crenças e comportamentos. Assim, para os autores, a melhor maneira de identificar paisagens etnográficas é através do conhecimento das pessoas que lhes dão significado em primeiro lugar.



Figura 2: Localização propriedade rural da família Yasunaga, praça Shuhei Uetsuka e Escola Bom Sucesso.

Fonte: FERRARI, anotações sobre imagem Google Earth, 2016.

Devido a estes fatores, o estudo de caso será numa propriedade da zona rural de Promissão (destacada em amarelo na Figura 2). A escolha desta foi norteada pelo fato de que o patriarca da família, Sr. Tadakuni Yasunaga, de 95 anos, é o único nissei (segunda geração dos imigrantes japoneses) ainda vivo que conviveu com Shuhei Uestuka. Tadakuni nasceu em 1921 na Seção Bom Suceso e é um dos mais antigos descendentes da imigração japonesa em Promissão. O estudo baseia-se, em grande parte, nas entrevistas com o filho do Sr. Tasukuni, o Sr. Kazunori Yasunaga, de 70 anos, morador da Seção Bom Sucesso desde que nasceu.

A propriedade rural da família Yasunaga dista aproximadamente 7 km (sete quilômetros) do centro de Promissão, fica na Seção Bom Sucesso e seu principal acesso é pela Rodovia Marechal Rondon km 459. Localizada entre o córrego dos Patos e córrego Bom Sucesso, e entre a Via de Acesso Shuhei Uestuka e a estrada que percorre o espigão, à leste.

Nas narrativas percebe-se que no processo de lembrar o narrador seleciona os eventos mais significativos para reforçar o vínculo com o lugar e a identidade do presente. Ele se esforça para recompor a paisagem do passado como uma forma de dar credibilidade ao que está sendo narrado, uma vez que na paisagem do presente não se encontram as evidências por ele apontada. Segundo Alencar (2007), nesse sentido, o esforço do narrador é conduzir suas lembranças a um passado para encontrar um lugar que se transformou, e fazer com que o ouvinte vislumbre na paisagem do presente a paisagem que existiu no passado.

Sobre a antiga casa da família Yasunaga (resumo das entrevistas realizadas com Kazunori e Kodo Yasunaga, realizadas no ano de 2016):

Antigamente não existiam cercas em volta da casa pois ninguém tinha gado. Os limites eram as estradas e os rios. Íamos todos a pé para a Escola Rural do Bom Sucesso. A casa foi construída no ano de 1944. Nasci e morei por 30 anos naquela casa. Foi construída em tijolos e foi um “trabalho profissional”, não em mutirão. Era o lar de muitas pessoas, 40 aproximadamente. Era a família inteira. A casa tem, se não me engano, sete ou oito quartos. O principal lugar era o da refeição, todos se reuniam ali. A água para consumo vinha dos dois poços, um dentro de casa e outro fora, perto da horta. A casa ficava perto das estradas que antigamente eram importantes para nós, ficava num lugar privilegiado. (Kazunori Yasunaga, Promissão, 2016)

Sobre os elementos que permeiam a memória:

Existia o pomar ao redor da casa, formado principalmente de laranjeiras, mas haviam diversas outras árvores, como jabuticabeiras. Tínhamos a horta também, em patamares, plantávamos de tudo ali, até a beira do rio, na baixada, onde era o arrozal. Em frente à varanda havia um jardim e um “tanque com peixes decorativos”, algo como uma pequena lagoa. Pro lado de cima da casa (norte) tem dois terreiros de café, estão cobertos pela



grama. Tinha dois barracões de café, a ponte e a tuiá de café (...) O barracão do bicho-da-seda. As três grandes mangueiras, perto dos quartos, foram plantadas por meu Tio Hakuo Yasunaga, elas têm mais de 70 anos. Existe uma grande varanda, alta, que apresenta ampla visão para o rio, exergávamos até o vizinho, quem estava vindo na estrada ao longe. Era uma visão muito bonita, o nascer do sol (...) hoje já não é mais a mesma coisa. Última vez que meu pai (Tadakuni) foi lá, ele reclamou que já não conseguia ver como era, que algumas árvores e arbustos tampam essa visão, que o rio já não é o mesmo (...) (Kazunori Yasunaga, Promissão, 2016)

Em frente à casinha tinha um barracão de bicho-da-seda. Bem pouco que eu me recordo do bicho-da-seda, eu era muito pequeno (...) se não me engano o barracão tinha cobertura de sapé. Começaram a criar o bicho-da-seda porque o café “estava ruim” (não fornecia renda suficiente). Então no inverno colhia café e o resto do ano trabalhavam no bicho-da-seda. Um pouco mais pra cima era a plantação de amoreiras. Na época tiravam só as folhas das amoreiras e não o galho inteiro como se faz hoje em dia. Lembro que fiz até um dedal para a minha mãe para ela não machucar o dedo. (Kodo Yasunaga, Promissão, 2016).

O que a casa representa:

A casa fica fechada atualmente. Hoje ela é história (...) Pessoalmente a importância é grande, todos nascemos naquela casa e moramos lá por muito tempo. Tem muita memória envolvida, muito valor. A história vai se perdendo com o tempo né. A gente esquece de muita coisa. (Kazunori Yasunaga, Promissão, 2016).

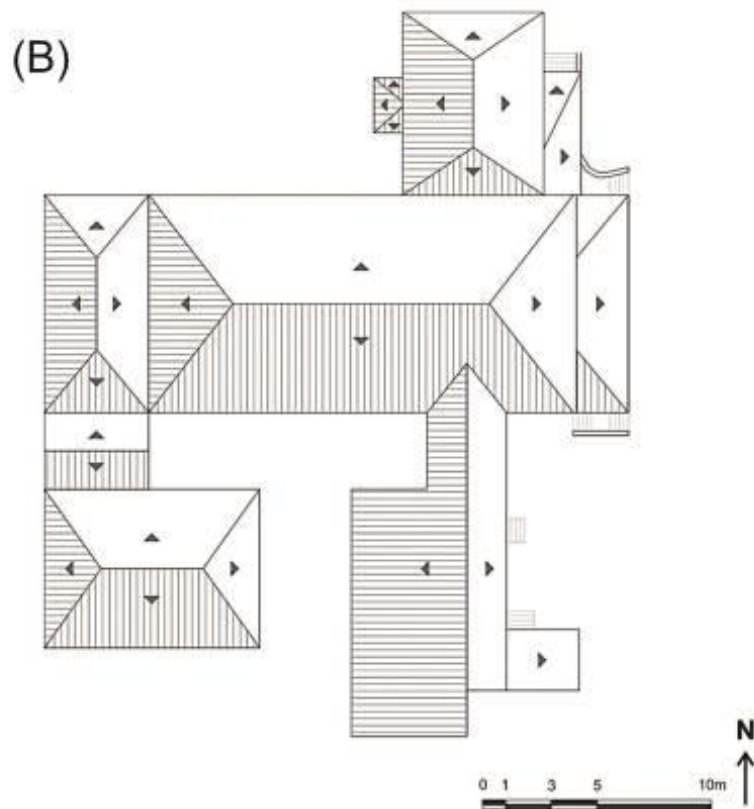
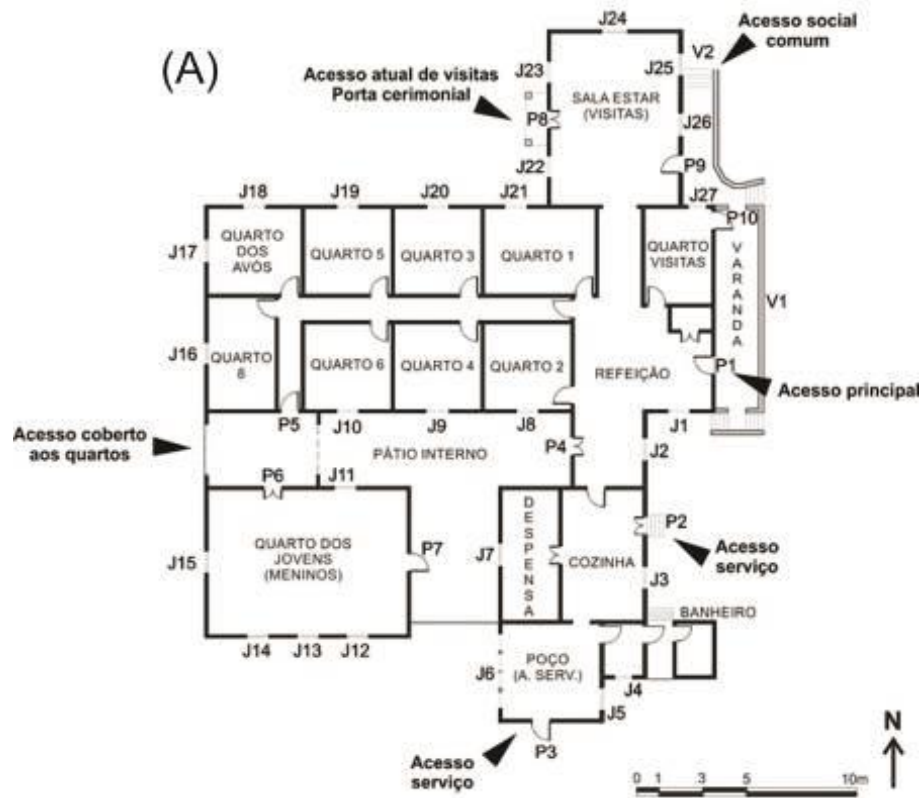


Figura 3 (A): Planta da casa família Yasunaga. Indicação dos acessos, numeração de portas e janelas. (B): Planta de cobertura casa família Yasunaga.  
 Fonte: Levantamento realizado por FERRARI (2016), nomeação dos ambientes por K. Yasunaga.

Os principais cômodos da casa, segundo Kazunori Yasunaga são (em ordem decrescente):

- Grande sala de refeição – era neste ambiente em que toda a família almoçava junto;
- *Butsudan* – significa literalmente “altar do Buda” – santuário doméstico, é usado especialmente para a cultuar os antepassados, é o centro da fé espiritual dentro da família. Este pequeno santuário se assemelha a um armário com portas. O *butsudan* fica localizado próximo à porta de entrada principal. Acredita-se que protege o lar e não permite que energias ruins entre na casa;
- Cozinha e varanda.

#### **Capítulo IV: Proposta – Museu da paisagem: janelas pioneiras.**

O objetivo principal da proposta é a transformação da antiga casa da família Yasunaga em um Museu da Paisagem. A instituição será de caráter histórico, paisagístico e documental que preserva, pesquisa e divulga a cultura material e imaterial dos imigrantes japoneses da região Noroeste do Estado de São Paulo. O princípio de que a terra foi trabalhada e incorporada pelas diferentes sociedades foi de fundamental importância para o entendimento das diferentes culturas, nem que seja pelo aspecto vital da agricultura. Procura-se, assim, preservar a imagem do que seria aquele território, não somente no momento atual, ou seja, não só o que as pessoas podem observar, mas também a sua aparência original que somente podem ser lembradas e explicadas por moradores e pioneiros locais.

Não se pode construir “vitrines” como em museus comuns, para colocar toda uma tradição de utilização de técnicas de cultivo, construções de características tradicionais, valores culturais, memória, hábitos, bens naturais de valor simbólico ou religioso, entre outros. Por isso, o principal meio com que o Museu irá apresentar seu acervo será através das vistas das janelas pioneiras da casa (“requadros da paisagem”). A janela é o elemento de inserção do ambiente habitado (pelo homem) na paisagem e no espaço urbano. Além disso, segundo Goulart (2007) a janela possui uma natureza dialógica, pois apela à participação do leitor no seu processo de montagem. Assim como uma pintura que se apresenta diferentemente a cada distância de um observador que movimenta-se ao seu encontro, a janela tende a, singularmente, reconstruir eternamente a paisagem. O transcorrer do tempo, a mudança das estações, o controle da entrada de luz natural, faz com que a paisagem captada pelos sentidos seja diferente a cada momento. (GOULART, 2007).

Além das janelas, um importante “acervo” do Museu será sobretudo as narrativas da família Yasunaga. Através destas narrativas os moradores conseguem recompor a paisagem do passado, atribuir sentidos ao lugar, reforçar a memória coletiva e dar significado à identidade do presente. De acordo com Alencar (2007) o ato de narrar acontecimentos, contar e recontar histórias sobre eventos que ocorreram em lugares particulares da paisagem, é uma maneira de falar das experiências passadas dos fundadores do lugar e do grupo social, ao desenvolverem suas ações sobre um espaço em particular, realizando escolhas e respondendo às mudanças no ambiente.

O Museu da Paisagem conduzirá seus usuários, principalmente, pelos caminhos da visão e da reflexão “O que é possível enxergar?”. Será o questionamento para quem adentra ambientes que podem ser considerados comuns para a maioria, porém, é esta “paisagem comum” vista através das janelas, os traços tradicionais da casa, a arquitetura imigrante, os elementos que compõem o entorno, tudo isso faz parte do “acervo” do museu. Tuan (2012), criador do termo topofilia – que expressa o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, ou ambiente físico – nos fala sobre a percepção, das atitudes e valores envolvidos. Segundo o autor, são as emoções que e o pensamento que dão colorido a toda experiência humana, e é a experiência humana, carregada de significados, que transforma o espaço em lugar. Assim, a apreciação de uma paisagem está sempre relacionada com as lembranças, como frutos de acontecimentos marcantes; ela é mais pessoal quando se manifesta mesclada com incidentes humanos. (TUAN, 2012).

O Museu tem a intenção de ser um ambiente educativo também. É necessário incentivar e ensinar a leitura de paisagens, além de demonstrar a importância histórica que existe em uma residência de uma comunidade de imigrantes japoneses. Apesar de sua aparente simplicidade, os caminhos ao redor da casa e a junção de elementos no entorno demonstram os valores e aspirações de uma época passada que até hoje têm significado cultural. Assim, os visitantes podem adentrar nos ambientes internos da casa, como um roteiro, observarem a paisagem a partir da sala principal, depois a partir dos quartos, posteriormente a partir da varanda. Conhecerem alguns elementos remanescentes, como o poço interno à casa e o local onde ficava o altar butsudán. Além dos visitantes poderem percorrer internamente a casa, sugere-se que estes caminhem ao redor e descubram a paisagem de outras maneiras (complementando a visão): conhecer os terreiros de perto, descansar nas sombras das mangueiras, descer nos patamares onde ficava a horta, caminhar pelo entorno da casa, imaginar como era a paisagem numa época passada.

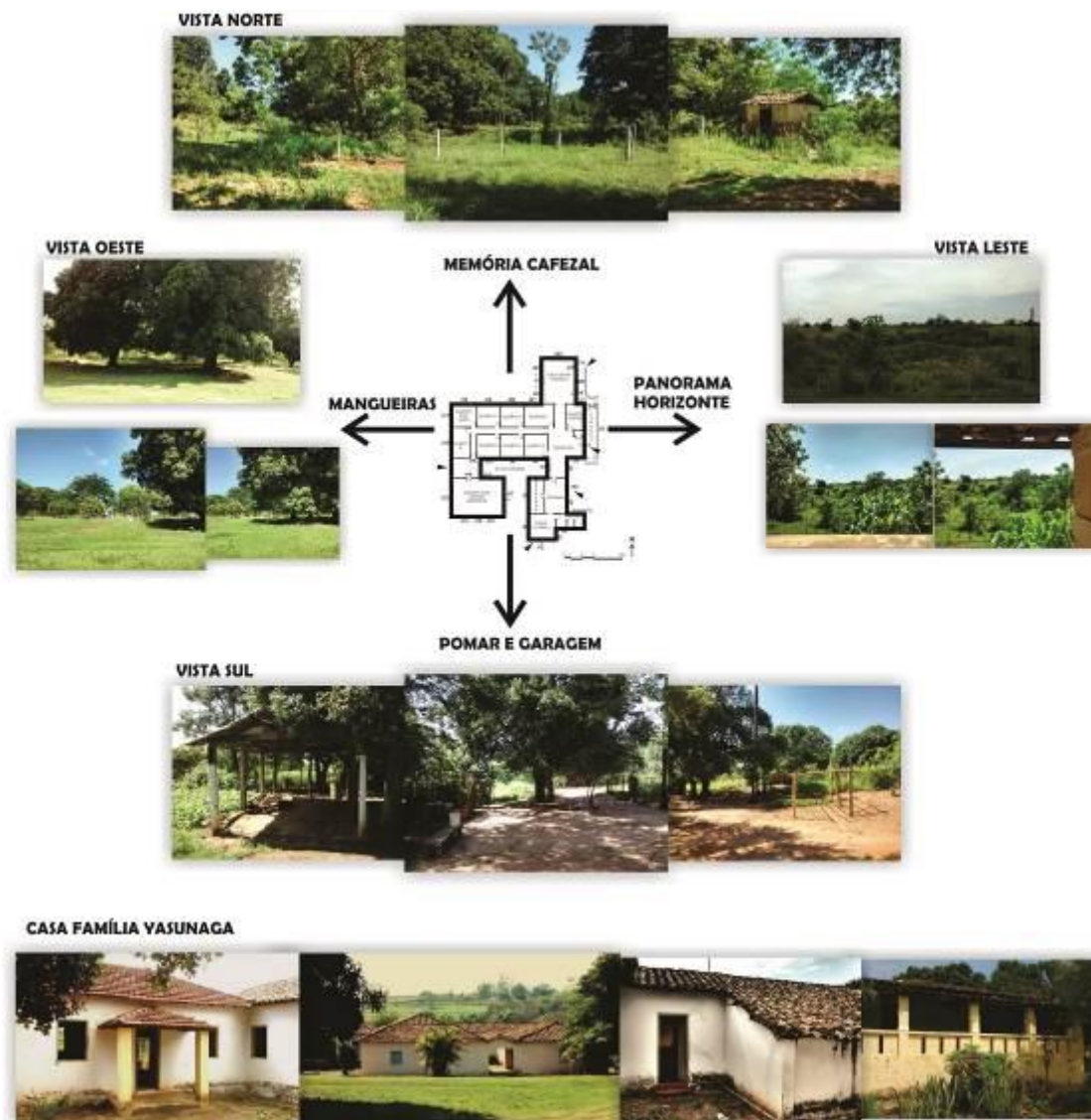


Figura 4: Casa Família Yasunaga e esquema representativo das quatro vistas a partir da casa.  
 Fonte: FERRARI, 2016.

A casa está implantada próxima ao fundo de vale do Córrego dos Patos. Seu principal acesso dá-se através da varanda (leste). Devido à declividade do terreno, a varanda fica num nível elevado em relação ao chão. Esta varanda permite observar ao leste o fundo de vale com a sucessão de patamares à meia encosta, onde existiam as hortas e o arrozal, além disso, o espigão e o panorama do horizonte ao longe. Essa vista abrange parte da vivência da família: a relação com as águas do córrego, o trabalho do solo com a horta e com o arrozal, os caminhos percorridos, o horizonte como plano de fundo, o sentimento de segurança. Tudo isso faz com que as pessoas que viveram ali criem um sentimento de lugar, como algo proveitoso de pertencer ao local. Assim “o sentido de lugar bem cultivado é uma dimensão importante para o bem-estar humano” (MEINIG et. al., 1979, p.46).

Ao norte da casa há dois terreiros de café encobertos pela vegetação e uma casinha, antiga construção pioneira (feita com alvenaria maciça, assentada com barro) que armazenava equipamentos e materiais utilizados na lavoura. Além disso, existiam dois barracões, uma tulha e um barracão de bicho-da-seda. Todos estes elementos juntos, “a memória do chão”, criam uma relação intrínseca com a casa. Segundo K. Yasunaga as plantações de café tomavam aproximadamente 90% das culturas da colônia.

À oeste têm-se as três grandes e antigas mangueiras. São pontos focais de destaque e reconhecimento da paisagem local, além de fornecer área sombreada ao acessar a casa. Ao sul encontra-se a “garagem” (barracão comum que servia de cobertura para o trator), e existia também o pomar formado principalmente por laranjeiras.

A proposta de transformação do uso da antiga casa família Yasunaga para um Museu é uma forma de preservar tanto a própria casa, como todo o seu entorno, além de recuperar os aspectos importantes da paisagem familiar memorável. A casa está inserida na paisagem da Seção Bom Sucesso, passando a ser parte integrante de um conjunto de elementos que determinam o caráter local.

## **Considerações finais.**

Com as mudanças e transformações que ocorreram na paisagem, e ainda ocorrem, de maneira acelerada (advento da cana-de-açúcar na Noroeste Paulista por exemplo), juntamente com a migração das gerações mais novas para as áreas urbanas, entre outros fatores, a paisagem rural de um passado recente, tenderá a se apagar ou ir se perdendo aos poucos. Não só pelo fato de que a comunicação entre as gerações será interrompida (as narrativas orais deixarão de ser fontes importantes de informações sobre a história do lugar), mas também de que é raro observarmos projetos que contemplam uma visão holística de preservação, educação patrimonial e paisagística, turismo não predatório e consciente que realmente podem ser aplicados aos municípios.

Assim, este trabalho vem com a intenção primordial de contribuição para as pesquisas sobre a paisagem etnográfica moldada por imigrantes e o patrimônio rural na região Noroeste do Estado de São Paulo, principalmente no cordão das cidades que pertenciam ao trajeto da atualmente desativada EFNOB. A utilização de um método de identificação de paisagem cênica etnográfica permite fazer com que a comunidade fortaleça a relação com o lugar. Segundo Yamaki (2016, p.10-11) “Os componentes que fortalecem o caráter da paisagem devem ser preservados. O método permite definir estratégias de preservação da, até então pouco conhecida, paisagem etnográfica. ”

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edna F. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Vol. XVI, nº 02, p. 95-110, jul. /dez. 2007.

ALMEIDA, António Campar de. *Paisagens: um património e um recurso*. Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra p.31-42, 2006 Disponível em <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/13165>> Acesso em: 15 setembro 2016

EVANS, Michael J.; ROBERTS, Alexa; NELSON, Peggy. *Ethnographic Landscapes*. In: Cultural Resource vol. 24 n. 5 U.S. Department of the Interior National Park Service; Washington DC: 2001. p. 53-56.

GHIRARDELLO, Nilson. *À beira da linha: Formações urbanas da Noroeste paulista*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 235 p.

GOULART, Chrystianne. *“Janela” – Elemento do ambiente construído*. Uma abordagem psicológica da relação “homem-janela”. 1997. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

HANDA, Tomoo. *O imigrante Japonês: História de sua vida no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

MEINIG, Donald William et al. *The interpretation of ordinary landscapes: Geographical Essays*. Oxford: Oxford University Press Inc., 1979; 255 p.

MEINIG, Donald William. O olho que observa: dez versões da mesma cena (1976). Tradução de W. Holzer. *Espaço e cultura (UERJ)*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 35-46, jul. /dez. 2003

REYES, Maria Regina Andrade. *Promissão: sua história e sua gente*. 2 ed. São José do Rio Preto: Editora Lagos, 2008. 572 p.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina. Eduel, 2012. 344 p.

GOULART, Chrystianne. *“Janela” – Elemento do ambiente construído*. Uma abordagem psicológica da relação “homem-janela”. 1997. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SWANWICK, Carys. *Landscape Character Assesment: guidance for England and Scotland*. The Countryside Agency: Cheltenham, 2002.

YAMAKI et al. *Metodologia de Inventário e Avaliação de Paisagem Etnográfica: Estudo da Fazenda Três Barras e Patrimônio Assahilandia no Norte do Paraná*. 2º Colóquio Ibero-Americano, Paisagem cultural, patrimônio e projeto, Belo-Horizonte, 2012

YAMAKI, Humberto. *Metodologia de identificação e avaliação de paisagem cênica etnográfica: uma proposta*. 4º Colóquio Ibero-Americano paisagem cultural, patrimônio e projeto. Belo-Horizonte, 2016.

YAMAKI, Humberto; PANCHONI, Maria Emanuella. *Inventário preliminar da paisagem da Gleba dos Caçadores no norte do Paraná*. 3º Colóquio Ibero-Americano paisagem cultural, patrimônio e projeto. Belo-Horizonte, 2014.

## ENTREVISTAS

Entrevistas com Kazunori e Kodo Yasunaga, moradores do Bairro rural Bom Sucesso em Promissão – SP, descende de pioneiros que conviveram com Shuheï Uetsuka. Realizadas no ano de 2016.